

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETÁRIO: MARIANO PINA

PARIS

EDIÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: 13, QUAI VOLTAIRE

Dirigir todos os pedidos de assinaturas e numerar
o envio: em Portugal e Lisboa, David Corazzi, 32, Rua
da Andrade Lobo; no Brasil, no av. José de
Mello, 33, rua da Quitanda Rio de Janeiro.
Preço do número à Paris, 1 franc.

6.º ANO. — VOLUME VI. — N.º 44

PARIS 5 DE JUNHO DE 1889

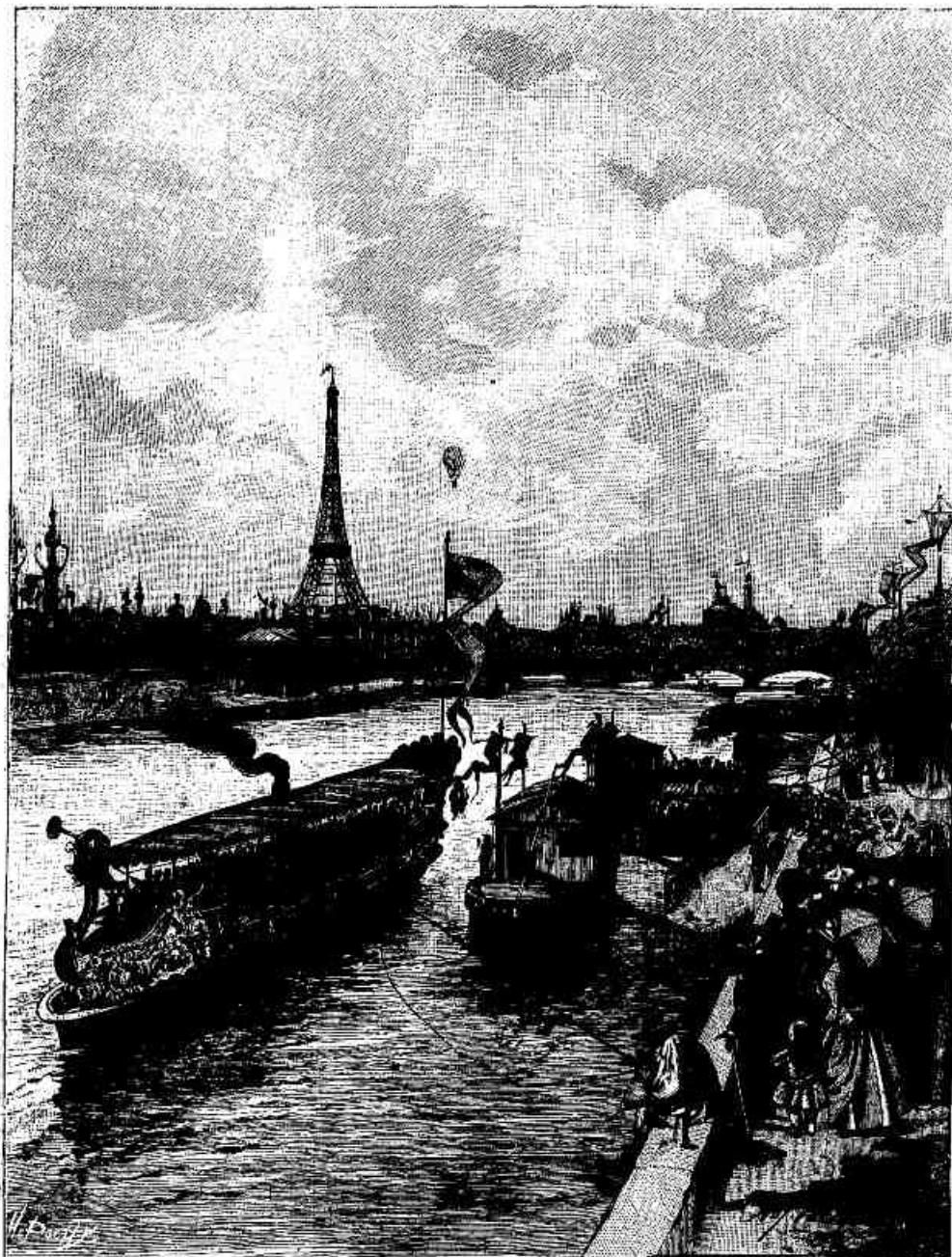
Gerente em Portugal e Brasil: DAVID CORAZZI.

RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELLO, 33, RUA DA QUITANDA.

ASSINATURAS:

ANNO (DORTE)	13,000 REIS.
SEMESTRE (QUATRO)	6,000 —
ANNO (INDIVIDUAL)	14,000 —
APULSO	500 —



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — AS PRÓXIMIDADES DO CAMPUS DE MARTE.

CHRONICA

EDUARDO COELHO

DA IMPRENSA portuguesa acaba de desaparecer uma das mais curiosas figuras, e das mais dignas d'um largo estudo, por constituir um documento típico da nossa sociedade, e especialmente da nossa geração.

N'um paiz onde, nem o jornal, nem o livro, ainda puderam dar a independência a um só homem, — Eduardo Coelho chega, e pelo seu trabalho, pela sua preserverança, e por uma philosophia natural, misteriosa e íntima, que se não aprende nos livros do Padre Antonio Vieira, nem tão pouco de Schopenhauer, philosophy que nasceu e morreu com o individuo, e que lhe deu todos os meios de conhecer o público que tinha de servir e com quem tinha de lidar... Eduardo Coelho chega, e funda em plena Lisboa uma empreza jornalística, tão iluminante como as que ha em Paris e Londres. E adquire por meio do jornal a joie de vida tal fortuna, que essa coisa descredidíssima — o jornal!... — é expediente de aventureiros ou de políticos (que tudo vem a dar na mesma; mas suas mãos passa a ser aos olhos do burguez um negocio tão sério, como os negócios que se realizam dia a dia na rua dos Capelistas ou na rua dos Bacalhoeiros!...).

Como é que Eduardo Coelho, que no começo do seu jornal nem tinha sequer o prestigio d'um nome literario que o impusesse ao público, — soube assim conquistar a multidão lisboense, e fazer com que o *Diário* se tornasse indispensável por toda a parte...

A resposta é embarracosa e difícil; e parece-me que todos quantos conheciam de perto Eduardo Coelho, e conhecem o actual meio lisboeta, devem procurar explicar uma parte do problema com toda a imparcialidade. Só assim se poderá fazer o elogio do fundador do *Diário de Notícias*; — e só assim se poderá fazer uma idéia exacta do que é Lisboa e a imprensa portuguesa...

A primeira causa do sucesso do *Diário* quer-me parecer que é devida ao facio rarissimo em Portugal, do seu redactor e fundador não pertencer, nem nunca ter pertencido, a nenhum grupo político. E assim como a origem da fortuna do *Diário* provém da sua independência; assim a causa de tanto jornal no nosso paiz arrastar uma existencia pelintra e pobretona, provém justamente da necessidade em que se acham os jornaes de sómente dizerem o que o seu partido quer que se diga...

Os redactores dos jornaes políticos não querem crerem semelhante facto, e atribuem a falta de compradores à falta de público ilustrado. É um perfeito erro...

O público não compra os jornaes políticos, isto é, os jornaes de *partido*, a não ser n'um momento de escândalo, para ver até onde chega o excesso de linguagem e a falta de compostura d'aqueles que tem a pretensão de ocupar as mais elevadas posições sociaes... Nos periodos normaes, os jornaes políticos não se vendem, porque o público não compra um jornal que sae de mão-mão que não é sincero em nenhuma das suas apreciações. Elogio ou censura, tudo se faz na imprensa política com um exagero imperdoável; e o público que final tem tanto espirito como o sr. de Voltaire, o publico rasga enjado o jornal que assim lhe menel.

Que lhe importa que F... seja um brilhante estylista, que X... seja um humorista notável?... O essencial é saber se são sinceros, se o que dizem é a expressão exacta do que os suas con-

sciencias sentem... Não é! Pois vão para casa do diabo o brilhante estylista, e mais o humorista notável!...

De modo que o *Diário de Notícias*, no nosso meio de gazetas desaforadas e mentirosoas, apesar dalgumas d'ellas serem escritas com muito talento, — foi creando a sua reputação de jornal *incolor*, afastado da politica partidaria, procurando apenas informar conscientemente, e ser — «como lá se diz» — o espelho da Verdade.

O publico approximou-se, mordeu, saboreou — e ficou preso. Nas columnas d'aquele *Diário* nunca se chamou *ladrão* a nenhum ministro, nem *gaiato* a nenhum deputado. O publico começou a chamar ao *Diário* — «um jornal serio». A sua opiniao começou a ter «um certo peso». Nos seus artigos de fundo raro era o dia em que Eduardo Coelho não falasse com veneração e respeito d'essas coisas vagas, mas que soam tão bem ao ouvido das multidões, como são a Justiça, a Liberdade, a Civilisação, a Humanidade, o Progresso. A sua prosa tinha reflexos democraticos, d'uma democracia modesta e respeitosa que agradava ao publico, sem ofender ou desgostar o Monarca — antes pelo contrario!... Na mesma columna em que dizia a cõr dos paramentos da igreja no dia de cada Santo, e em que annuncava a que horas estava o Senhor exposto no convento das Salesias, e aque horas havia novena na Conceição Velha, — Eduardo Coelho fallava com veneração de Eliseu Reclus, ou de qualquer outro demolidor famoso.

E foi assim, sem nunca ninguem saber possivelmente o que o *Diário* aplaudiria com mais entusiasmo, se um governo cesarista, se um governo clerical, se um governo republicano, se um governo comunista; sem nunca ninguem saber se era regenerador, ou se era progressista, ou se era republicano; sem nunca ninguem saber se preferia a religião católica-apostolica-romana, ou o buddhismo, ou o ateísmo; — foi assim que o *Diário* chegou entre nós ao grau de prosperidade em que hoje o vemos.

Esta prosperidade tem-lhe valido muita inveja lisboeta. Não admira. Quando em Lisboa muito maneiro se revoltou com a injustiça da sorte que fiz d'um bachelat com padrinhos um amanuense do Terreiro do Paço, — o que será a inveja contra um jornal pelo qual já houve quem offerecesse 500 contos de réis?!

Em Eduardo Coelho havia também um optimista, que era quasi uma continuação do doutor Pangloss de Voltaire, — aparte a diferença das épocas, e «exagero de certos ditiblos que o autor de Candide traçou como se fora um caricaturista.

Nos seus artigos sentia-se que elle considerava este mundo como o *meilleur des mondes possibles*; e dir-se-ia que em tudo a sua vida só havia encontrado as almas mais bem formadas, os corações mais ternos, e os homens mais perfeitos, atendendo a que durante vinte e cinco annos nunca o *Diário de Notícias* escreveu o nome d'um individuo, por mais illustre ou obscuro que elle fosse, sem lhe chamar previamente — «nossso amigo».

E não só todos os moradores de Lisboa, e muitos de Portugal, ilhas e provincias ultramarinas eram «amigos» do *Diário de Notícias*, — mas até todos esses «amigos» eram por qualquer titulo, ou *illustres*, ou *notáveis*, ou *distintos*.

Não estará também n'isso uma boa parte do successo do *Diário*?... Nunca teve um inimigo, porque nunca publicou uma critica, quanto mais uma censura. Nunca disse que uma coisa era má; nunca chamou a um imbecil um imbecil; a um mediocre um mediocre. Os bons como os maus poetas eram para elle todos *illustres*; os bons como os maus oradores eram todos *notáveis*; os bons como os maus prosaadores eram todos *distintos*.

Uma só vez o *Diário* disse mal, censurou e atacou, — mas isso trazia a marca de Ramalho Ortigão! Foi por occasião do centenario de Camões. A politica quiz perturbar a festa dos escriptores, dos artistas e do povo. A opiniao publica — a verdadeira opiniao publica! — n'um arranco de bello patriotismo desaprovaron altamente a attitudo do governo; era preciso lavrar um protesto energico; e Eduardo Coelho soube nesse momento pôr de parte o seu optimismo, as mil e uma conveniencias do *Diário*, as suas tradições e o seu programma, para Ramalho Ortigão escrever o que julgasse justo, contra a politica que queria falsear a ideia exclusivamente patriotica do centenario.

E este, quanto a mim, um dos traços mais bellos do carácter e do patriotismo do jornalista cuja morte nós todos sentimos profundamente...

Mas passada a trovoadas, o *Diário* de novo voltou ao seu viver pacato de todos os dias, contente de tudo e contente com todos, chamaendo a todos «nosso amigos», achando todos *distintos*, ou *notáveis*, ou *illustres*, amanuenses ou poetas, artistas ou photographos, homens de estudo ou simples curiosos; e tudo isto com uma tal bonhomia, com uma tal simplicidade, que ninguem ousava revoltar-se quando o *Diário de Notícias* chamava ao sr. Carlos Pinto d'Almeida «o nosso notavel romancista» e a Camillo Castello Branco «o nosso distinto prosador!».

E assim se fez o *Diário de Notícias* — pelo processo oposto ao *Figaro* de Beaumarchais. Enquanto este ri, com medo de ter de chorar dos homens e das coisas d'este mundo, — o *Diário* acha que tudo é excellent... E se as vezes o escândalo é de tal ordem, que é impossivel deixar de relatar, o *Diário* jamais censura: — o *Diário* apenas aconselha...»

Eis como o *Diário* se fez, graças ao fino optimismo de Eduardo Coelho, que foi «jornalista que melhor soube aproveitar da sua geração e da sua terra. Eduardo Coelho percebeu que um jornal em Lisboa, para se vender, precisa passar a mão pelo homem a toda a gente. E dizer de cada fulano em particular: — «O nosso amigo» José Joaquim, illustre continuo do ministerio do reino, apesar de nunca ter frequentado nenhuma academia de bellas-artes, acaba de executar uma notavel paisagem em cortiça, representando o nisso do sol em Almada, que é uma verdadeira obra-prima que faz muita honra ao nome português. Avisa aos amados res.»

Com a morte de Eduardo Coelho perde a imprensa portuguesa um dos rares jornalistas de profissão que essa imprensa possuia. Com a sua morte perdemos nós todos que o conhecemos de perto: um excelente camarada, sempre pronto a collaborar em tudo quanto concresse para o bom nome do seu paiz, sempre pronto a abrir a sua bolsa em qualquer occasião em que fosse preciso um sacrificio monetario para bem da nossa classe.

Quanto não trabalhou e quanto não gastou, para que em 1880 se organizasse uma Associação dos jornalistas portugueses... Infelizmente que os sacrifícios que então fez Eduardo Coelho de nada serviram para a nossa corporação, — attendendo a que os verdadeiros jornalistas tiveram de sahir, para dar lugar á onda immensa dos furreis e outros amanuenses das letras, com as asneiras dos quaes moreu a Associação, que podia hoje ser uma força e — quem sabe — um elemento de acção na imprensa portuguesa.

Sinto, como jornalista, que essa Associação já hoje não existe. Aliás pediria para que na sala das suas sessões se mandasse colocar o busto de Eduardo Coelho.

MARIANO PINA.



A ILLUSTRAÇÃO E A EXPOSIÇÃO DE PARIS

CHAMAMOS a atenção dos nossos leitores para uma grande gravura que vamos publicar no próximo número da *Ilustração*, gravura que ocupa quatro páginas do nosso jornal, e onde se vêem representados todos os pavilhões que formam, na explanada das Invalidos, a

EXPOSIÇÃO DAS COLONIAS FRANCEZAS

Esta parte da Exposição de Paris é sem dúvida uma das mais brilhantes e das mais monumentais, pelo pittoresco e carácter das construções, e pelas riquezas ali amontoadas.

A nossa gravura representa em todos os seus detalhes, uma par uma, as mais curiosas construções, — e assim todo o público que te a *Ilustração* tem já uma intima idéia das maravilhas contidas na vasta explanada das Invalidos.

Apesar das enormes despesas que fazemos com este «ciadé» — tão importante como o que publicamos ultimamente representando uma *Vista geral da Exposição* — não alteramos o preço das nossas numeroas, que continua sendo sempre o mesmo, tanto em Portugal, como no Brasil.

Parecemos que pelo numero e pela qualidade das gravuras até hoje publicadas nas páginas da *Ilustração*, podemos afirmar sem risco de sermos desmentidos, que a *Ilustração* é o único jornal que põe o público português e brasileiro ao corrente de tudo quanto se passa com a famosa

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS

PANTHEISTA

Quando resurge o sol na curva do oriente,
irrando de luz o revoltoso mar,
e assisto ao violento e forte despertar
da grande Natureza apática e dormiente,

uma grande alegria esta minha alma sente
e preciso de rir, e preciso d'amar,
que a vida é para mim um campo florescente
onde revive a flor, e onde scintilla o tuar.

E a Natureza assim, saiu do torpor,
do sono que lhe deu mais alma e mais vigor
hilariante de luz, rubra d'alacerida,

como que vem cantando, alegre e extasiada,
as estrelas do Bem e os hymnos da Alvorada
no indomito clamor fôrtil da Mocidade.

Coimbra.

ALBERTO d'OLIVEIRA.

AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL — NAS PROXIMIDADES DO CAMPO DE MARTE

ABRIMOS hoje a nossa página de gravuras com a vista das margens do Sena nas proximidades do Campo de Marte. É um trecho magnífico da grande vila parisiense no momento actual.

Porque em Paris não se fala nem se discute outra coisa que não seja a Exposição Universal, e tal movimento de curiosidade despontou no público que toda a cidade com os seus milhares e milhares de visitantes tom desfilado pouco a pouco em direção ao Campo de Marte, aproveitando-se de todos os meios de locomoção, carros, omnibus, trams, impulsionados, vapores de quatro companhias diferentes que fazem a carreira no Sena, os comboios que partem de 10 em 10 minutos da gare de São Lazaro, enfim uma verdadeira perigrua!

O Sena aos domingos apresenta um espetáculo delicioso, verdadeiramente encantador! Os novos vapores, dos Magarins de Lourie, todos dobrados são os mais procurados e os que têm maior concorrência. Na nossa gravura vê-se um destes vapores próximo da margem onde o esperam imponentes centenares de passageiros, sedentos d'ir gozar a vista das maravilhas da Exposição.

Envolvo do Campo de Marte a animação cresce de dia para dia. Na primeira semana a média diária era de 40.000 entradas, mas agora já se elevou essa mesma média à respeitável somma de 70.000. Isso sem contar os milhares e milhares de visitantes das festas de noite, quando os jardins maravilhosos do Campo de Marte só iluminam a luz eléctrica e a torre aparece como abraçada em fogos de Bengala, enquanto em baixo ao longo da fonte monumental, do centro dos lagos os repuxos e jacobs d'água surgem como por encanto pintados de mil cores, desde a cér d'óro paillot até o azul céu de ouro meridional.

Na verdade a Exposição de 1867 é um dos maiores sucessos do nosso século, — e por isso os nossos leitores se apressam, na feira da curiosidade, em direção do sud-express que os devem conduzir da estação do Caes dos Soldados ou de Campanhã, à gare d'Orlans, em Paris.

Que venham! Aqui terão muito que ver, admirar e estudar...

NA TORRE EIFFEL. — OS ASCENSORES

Apresentamos hoje aos nossos leitores uma curiosa gravura dos ascensores da torre Eiffel, entre as mil engrenagens de ferro que só come uma renda transparente, visto a distância, num dos recantos de Paris.

Ha três semanas que foram inauguradas as ascensões, e o numero dos ascensores cresce consideravelmente de dia para dia. Mais de 3.300 visitantes por dia! Muitas pessoas ficam só na 1.ª plataforma e reciam subir ate a 10.º — que é onde se desfruta um lindíssimo panorama da cidade em duas e três jégoas à volta.

O acesso da torre não é feito só pelos ascensores — quem os reciar, pode aproveitá-los entrando das largas escadarias em caçarel que sobem até às duas plataformas da torre.

Os ascensores são de diversos sistemas: do chão até ao primeiro andar há pelo menos os seguintes: dois do sistema Roux, Combiblitz e Lepape, e dois do sistema Otis. Estes dois últimos é que continuam a viagem até à segunda plataforma.

O ascensor Otis é um sistema americano com um pisão hidráulico adicionando uma monofase nos guindastes hidráulicos Armstrong, bastante conhecidos em França.

Colocou-se debaixo da cabine um freio de segurança que funciona automaticamente em caso de desastre ou mesmo d'allongamento anormal d'un dos cabos. As cabines d'estes ascensores não podem conter mais de 50 pessoas, mas a sua rapidez ascensional é duas vezes superior á dos ascensores Roux.

O ascensor do sistema Edoux é que deve transportar os visitantes da segunda plataforma ao cimo da torre. Este ascensor é igual ao que está funcio-

nando no Teatradore ha bastantes annos. É munido dum pisão vertical prolongador e protuberante, e a cabine pode conter 10 pessoas, pelo menos. A duração da ascensão, com uma rapidez de 50 centímetros por segundo deve ser de 4 minutos, desde a segunda plataforma até ao cimo da torre.

Estes diversos ascensores podem transportar por hora duas mil pessoas e cinquenta pessoas ao primeiro tabolsiro, e mesmo ao segundo, e setecentas e cincuenta no terceiro. D'esta forma, podem estacionar na torre 5.000 pessoas por cada hora. Não é de comvir que chega a ser mais que extraordinário!

Até onte podia chegar o engenho do homem, n'este grande século d'arte e de ciencia que estamos a vivenciar, um dos mais bellos da humanaidade!

BARBEY D'AUREVILLI.

A Ilustração oferece hoje ao publico amante das letras e sobretudo apreciador dos rares bons espíritos românticos da geração de 1830: — retrato d'um escritor francês, morto ha perto d'um mes e que foi considerado sempre como um dos primeiros homens de lettras do nosso tempo, um vulgo literário capaz de se dedicar no lado de Lamartine, de Dumas, de Girardin, de Georges Sand, de Quinet e de tantos outros grandes prosadores que encheram a França de alto renome, desde 1830 até à época da terceira Republica.

Barbey d'Aurevilly era considerado sobretudo pelos novos, como o contestado das lettras francesas.

Tinha oitenta e dois annos — o respeitável velho, estimado e quasi idolatrado por todos os verdadeiros artistas do coração e da raça da geração actual. Os postos decadentes consideravam o ilustre morto, como um mestre. Vejam se as páginas que Joris Karl Huysmans — escrevau no *Le Rebours* sobre a obra e a maneira de Barbey d'Aurevilly. A opinião de Huysmans regula o modo de vir de todos os escritores novos.

Barbey d'Aurevilly nasceu não sabemos em que terra do departamento da Mancha, em 1808. Fez a sua estrada literária em 1833. Depois, desde essa data de 1833 ate 1851: ningum soube onde elle viveu, nem elle mesmo o contou, durante vivo, a pessoa alguma. Diz se que fôr raptado por uma dama da velha aristocracia austriaca e que essa dama o guardara durante todo esse tempo num castello na Bohemia.

Esse período da vida do grande escritor é um verdadeiro conto de fadas, um capítulo inédito das Mil e umas noites.

Sobre este caso bordaram-se muitas historietas qual d'ellas a mais extraordinaria, todas envoltas no misterioso — o que dava um certo prazer a Barbey.

Como critico poucos se guiam por Barbey d'Aurevilly porque a sua parcialidade era de tal ordem violenta que provocava a cólera mesmo nos escritores com um nome feito e que pouco se importam com o elogio ou censura.

Deixou-nos, no entanto, soberbos livros de prosa, romances d'um estylo colorido e deslumbrante, repondo quasi todos em paradoxos. Destacamos: *L'Amour impossible*, *la Bagarre d'Anjou*, *Vive vifelle maistresse*, *l'Ensegarée*, *le Fidele marié* (condenado pela Igreja), *le Chevalier des Touches*, *les Diaboliques*, *Dwihaudyenne* e de G. Beaumont, *Histoires sans nom*, *les Préceptes du passé*, etc., etc.

Barbey d'Aurevilly era descendente d'antiga nobreza da França, mas viveu sempre com poucos meios. Todo o dinheiro que apurava era para a sua toilette. Até hoje, em pleno anno de graca de 1889, sabia a rum vestido à media rigorosa de 1830, com uma casaca de yeludo azul, apertada na cintura, cabalgando em amarras até ao peito, calcão e meia de seda.

Mesmo nos últimos dias da vida pintou sempre os caballos e o bigode.

Em casa, este Antony da decadência vestia uma opa de seda escarlata e trazia na cabeça o preto, a coroa dos deuses egípcios. Extrairia sempre com tintas de diversas cores, aos seus manuscritos e anotaríasse as obras da *Edades Médias*.

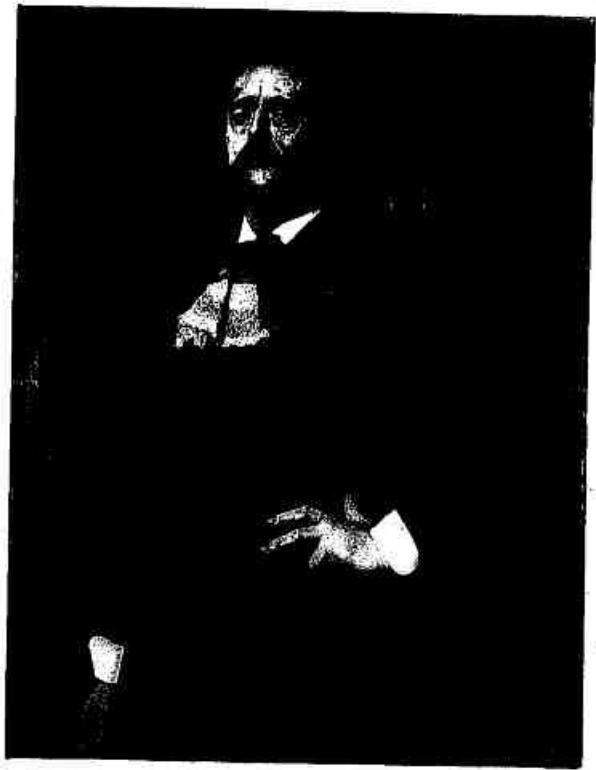
Considerava sempre a modestia como a hypocrisia do orgulho. Um dia que o surprenderam, à janela, em roupas brancas, respondendo a alguém que lhe perguntava a causa de tal jactância: — « Meu caro senhor, aprecio o meu mister de estatua. » D'outra vez quando disse a um jovem literato que só havia em França dois homens de gênio, Barbey perguntou logo: — « Qual é o outro? »

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS



1 2 3 4 5 6 7 8

NA TORRE EIFFEL, OS ASCENSORES PARA O PRIMEIRO ANDAR DA TORRE.



BARBEY D'AUREVILLY.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — ASPECTO DAS RUAS DE PARIS NO DIA DA ABERTURA DA EXPOSIÇÃO.



Era um conversador delicioso. Estava quasi sempre rodeado de François Copée e de Paulo Bourget. A sua morte foi imensamente sentida em todos os grupos literários.

ASPECTO D'ALGUMAS RUAS DE PARIS NO DIA DA ABERTURA DA EXPOSIÇÃO

Parce-nos escusado fazer uma descrição especial das gravuras que publicamos com a inscrição que serve de título a estas linhas.

Fallamos largamente no passado numero da ILLUSTRAÇÃO das extraordinárias decorações de Paris no dia 6 de maio, e sobre este ponto insistiu especialmente na sua chronica o nosso director Mário Pina.

O nosso detentor, com os seus curiosos croquis não vem mais do que confirmar as palavras do nosso chronicista, quando elle descrevia o curioso e sympathico aspecto de Paris, para solennizar a abertura da grandiosa exposição e receber dignamente os estrangeiros que acudiam de chegar às margens do Sena.

Chamamos pois a atenção dos que nos leem para o passado numero da ILLUSTRAÇÃO, para assim melhor comprehender o valor dos nossos desenhos.

SALON DE PARIS. — « SOLIDÃO »

Offeremos hoje uma outra reprodução d'uma das mais interessantes telas do Salón d'este anno, e cuja execução sobre a madeira nós confiamos ao nosso distinguidissimo gravador Dochy, — o mesmo que nos tem executado tantos e tão belos retratos de personagens da actualidade.

Do quadro escusado é fallar. Não tem por assunto, nem um ponto de historia, nem uma anecdota que precise ser contada, como hole é tão vulgar em quadros de gênero. Uma delicada pintagem; uma figura adorável de mulher, figura impregnada d'uma doce e vaga melancolia; e um lindo cão à mulher acariciar meigamente; — eis todo o quadro. E mais não é preciso para que seja encantador...

*

N'um dos próximos numeros da ILLUSTRAÇÃO esperamos publicar reproduções das obras que os nossos compatriotas expuseram este anno no Salón, dando desenhos originais dos autores, como temos feito nos annos anteriores.

Devemos dizer para honra e orgulho nosso que os artistas portugueses se fizeram este anno representar muito notavelmente no Salón. Hu ali obras de Salgado, o notável pensionista da pintura histórica da Academia de Lisboa que ha um anno se acha em Paris; de Souza Pinto; dos escultores portugueses Teixeira Lopes e Thomas Costa; de Brito, Melo, etc.

Dalguns d'elles esperamos em breve croquis dos trabalhos que expõem, e imediatamente os mostraremos ao público, para que este se convenia de que ha artistas portugueses, — apesar do sr. Visconde de Melicio ter a habilidade de provar no Campo de Marte que Portugal n'estes ultimos dez annos não contou um unico artista!...

Porque é preciso que todos saibam que, se Portugal é o unico paiz da Europa que não tem uma secção sua de bellas-artes na grande exposição d'arte internacional do Campo de Marte, — esta vergonha se deve ao sr. Visconde de Melicio.

Podíamos expôr quadros de Lupi, de Silva Porto, de Columbano, de Arthur Loureiro, de Sousa Pinto, de Marques d'Oliveira; esculturas da sr. Duquesa de Palmella, de Soares dos Reis, de Alberto Nunes, de Rato; quadros e esculturas d'outros muitos artistas, que fariam distincta figura n'uma sala especial.

Mas o sr. Visconde de Melicio passou em 1888 o seu tempo em Paris em jantares, intriguinhas, theatrinhos e combinações misteriosas, e deixou passar todos os prazos para a entrega dos trabalhos, sem se importar com a figura — a má figura — que o seu paiz vinha fazer a Paris. Porque o sr. Melicio não só comprometeu os artistas, mas até os industriais portugueses. E se não fosse a Real Associação de Agricultura de Lisboa, e a Associação Commercial do Porto, — nós teríamos em Paris uma exposição vergonhosa, que havia de ser o alvo de troca e da piedade de todos os visitantes do Campo de Marte.

Mas apesar de tudo isto ainda haveremos de ver o sr. Melicio, que já é conselheiro, par, e visconde —

presidente d'un conselho de ministros... e duque parente.

Quanto mais nulo é um homem, mais probabilidades tem de pertencer aos grandes da terra. N'este ponto a sabedoria das nações é d'uma amabilidade quasi obscena para com as pessoas que sendo ex-cam de ser absolutamente inuteis!...

M. BERGER — DIRECTOR GERAL DA EXPOSIÇÃO.

M. Berger é sem dúvida um dos homens que mais trabalhou para o triunfo completo d'essa magnifica exposição universal que é o assombro da Europa inteira.

Em 1878 foi o encarregado dos pavilhões estrangeiros, mas na exposição do Centenário a sua missão foi muito mais importante e desempenhou-a com merecido elogio.

Eis um dos homens mais dignos d'applauso, na coroação d'esse festa da Exposição; porque M. Berger demonstrou que era um patriota, na alta significação da palavra, pelo zelo que empregou no desempenho das suas funções durante o período d'organização da brillante Exposição de Paris de 1889.

OS BAILES NO PALACIO DO ELYSEU

Uma das nossas gravuras representa um dos salões do palacio do Elyseu, residencia do Presidente da Republica francesa, em noite de grande baile em honra dos commissários estrangeiros junto da Exposição Universal de Paris.

O ultimo baile a que tivemos a honra de assistir, e para o qual se haviam feito cerca de 3.000 convites, foi tão extraordinariamente concorrido, que a partir das onze horas da noite já era impossivel circular por todas as salas, ducando-se n'algumas com immensa dificuldade.

Ao entrar no Elyseu a primeira impressão é um tanto curiosa, pela variedade de toilettes das senhoras, pela variedade dos uniformes, e pela variedade dos tipos, desde os negros filhos do Sénégal, até os desmadrados filhos do Celeste Imperio. Mas observados nos seus detalhes, os bailes do Elyseu deixam muito a desejar, tendo alguns lados bastante comicos, taes como: a etiqueta que a Presidencia observa; a altitude solemne e magnifica que toma o Presidente, isolando-se os seus convidados; e o afectado e enjaulado das damas de honor que fazem procissão atraz de Madame Carnot...

Nos tempos do bom presidente Grévy as recepções no Elyseu passavam-se com a maior sem cerimonia burguesa. Hoje o sr. Carnot parece querer imprimir um tom de corte aos seus bailes, e portanto a afectação é visível, e bem visíveis certas falhas de bom tom, a começar logo á entrada do palacio onde os criados que recebem os casacos e as sortes de bal espalham sobre o balcão peças d'um franco, para assim obrigar os convidados a darem-lhe gorjetas pelo trabalho de arrumarem e guardarem esses objectos!

A terrível verdade humana é que toda a gente prega democracia; — mas os democratas que chegam ao poder são os primeiros a imaginar que tem um Rei na barriga...

*

Os dois ultimos bailes oferecidos pelo Presidente da Republica francesa aos commissários da Exposição foram duas festas brilhantissimas. As recepções do Elyseu desse que o sr. Carnot trouxe as redeas do governo, são do mais alto interesse.

Como se vê na gravura que hoje publicamos no terceiro saão, o Presidente da Republica e Mme Carnot recebem os seus convidados. Esta recepção é a inauguração oficial das novas galerias de festas do Elyseu — galerias que estavam em construção ha dois meses a esta parte. O grande salão central tem cerca de 60 metros de comprido sobre 8 de largo. E nas duas extremidades estão dois ouiros pequenos salões rectangulares.

As paredes, d'alto á base estão completamente guarnecidas de velhas colchas dos Gobelins, d'um luxo extraordinario. Produz um efecto ao mesmo tempo simples e pomposo essa fileira enorme d'obras-primas tecidas — que antigamente estavam quasi esquecidas no Garde Meuble onde ninguem lá os podia ir admirar.

Essas admiráveis tapesseries comprehendem qua-

tro assuntos mythologicos da galeria de Saint-Cloud e foram executadas segundo os desenhos do Mignard pelo irmão do rei, em 1678. Representam o Triunfo de Bacho, o Sacrificio a Ceres, Apollo e as Musas e o Nascimento d'Apollo.

A galeria dos 60 metros está toda ornada d'um lado com tapesseries dos Gobelins do seculo XVIII, representando a histori de D. Quichote, segundo os desenhos de Audran e Coypel; e do outro lado vemos as tapesseries chamadas das Termes, bordadas segundo Lebrun, no seculo XVII.

O grande salão rectangular está todo forrado de seda escarlate com franjas d'ouro. Vêem-se tambem ali tapesseries da serie dos deuses, segundo os desenhos d'Audran. O alto da sala é admiravelmente pintado por Lavastre.

Os moveis e os divans são em brocatelle amarela; sobre as consolas vêem-se bellos vases de Sévres e do tecido descem os lustres d'estilo Luiz XV, dispostos de maneira que servem tambem para a iluminação electrica.

No fim de contas a Republica francesa não se jacobina tão de pressa como era o desejo dos novos sans-culotes, porque os bailes do Elyseu querem render as noites d'imperio a todas as recepções que os chefes d'Estado costumavam dar, para attestar a magnificencia da corte ou o luxo aristocratico.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL. — A HISTORIA DA HABITACAO.

Um dos trechos mais pittorescos e mais interessantes da grandiosa Exposição Universal de 1889 é sem dúvida o magnifico trabalho do illustre architecto Garnier, — a Historia da habitação humana, que comprehende e occupa o espaço que vai da torre Eiffel ao Sena.

* Carlos Garnier é o architecto da Opera e bastava-lhe a construção d'essa famosa Academia de Música, no coração de Paris, para ter o seu nome universalmente conhecido e respeitado. É sem hesitação um dos primeiros architectos da actualidade e um dos primeiros artistas do nosso tempo.

Apenas deixamos a ponte d'Iéna, vemos ao lado uma construção que serve d'annexo à galeria das Machines e apparelhos de mechanica geral e ao lado d'esse grande hangar estão os dois pavilhões da Companhia internacional do petroleo.

Perto do pavilhão da direita, no mesmo alinhamento temos a exposição particular da sociedade geral d'electricidade, e junto do pavilhão da esquerda — vasto pavilhão reservado ao material de navegação e salvamento, eleva-se o panorama da Companhia Transatlantica — que é uma das grandes curiosidades da Exposição.

Eis-nos emfim na parte das casas d'Orsay onde o sr. Carlos Garnier organizou a exhibição tão fulgurante e tão applaudida, da historia da habitação humana.

Os specimen são pequenos, nem o espelho e os creditos votados davam para mais. Mas todos os tipos de habitação através das idades são completos e magnificos, desde as cidades lacustres e as grutas dos tempos prehistoricatos até as elegantes maravilhas da Renascença.

O sr. Garnier dividiu a sua exposição da Historia da habitação humana em dois periodos, — o periodo prehistoricato e o periodo histórico.

O primeiro comprehende as moradas e habitacões debaixo da terra, as grutas, os abrigos por entre as rochas, pelos troglodytes; as habitacões debaixo da terra das epochas de renna, da pedra polida e do ferro, e as cidades lacustres, ao tudo cinco tipos completos de habitação.

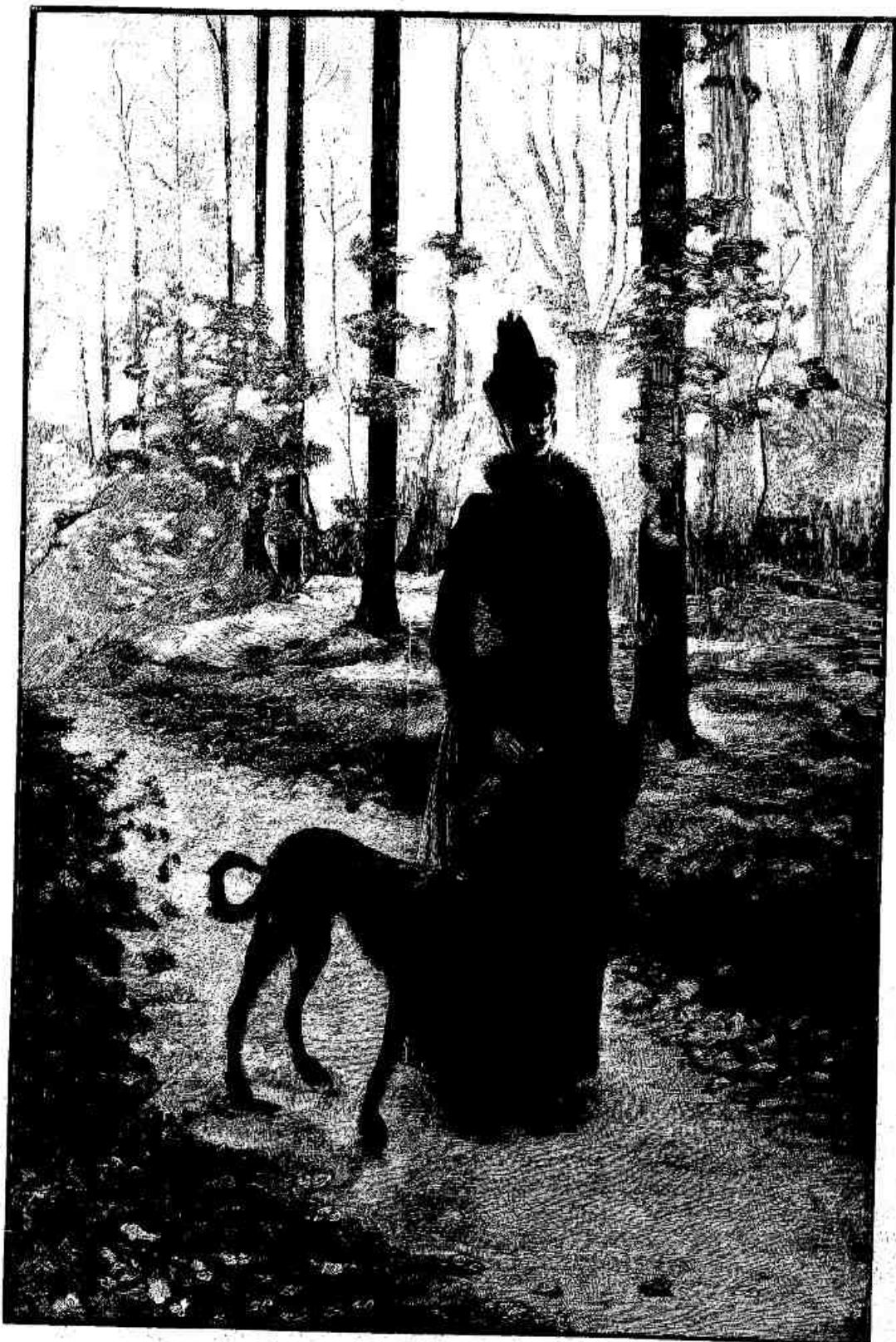
O periodo histórico divide-se em cinco capitulos porque essa exhibição é não só um trabalho para aguçar a curiosidade do publico em geral, como também é um livro aberto d'estudo profundo e do mais alto critério scientifico.

O primeiro capitulo ou secção comprehende, as civilisações primitivas, os tipos de habitação entre os Egypciós, os Pheniciós, os Assiriós, os Polasigos e os Etruscós antes da era Christã.

A segunda secção: as civilisações nascidas das invasões dos Aryas, as habitacões dos Hindues, dos Persas, dos Germanos, dos Gauleses, dos Gregos e dos Romanos antes da era Christã.

A terceira secção: comprehende a civilisação romana no occidente e exhibe as habitacões dos Hunos, dos Scandínavos, specimens de casas gallo-romanas, romanas, meia idade e renascença.

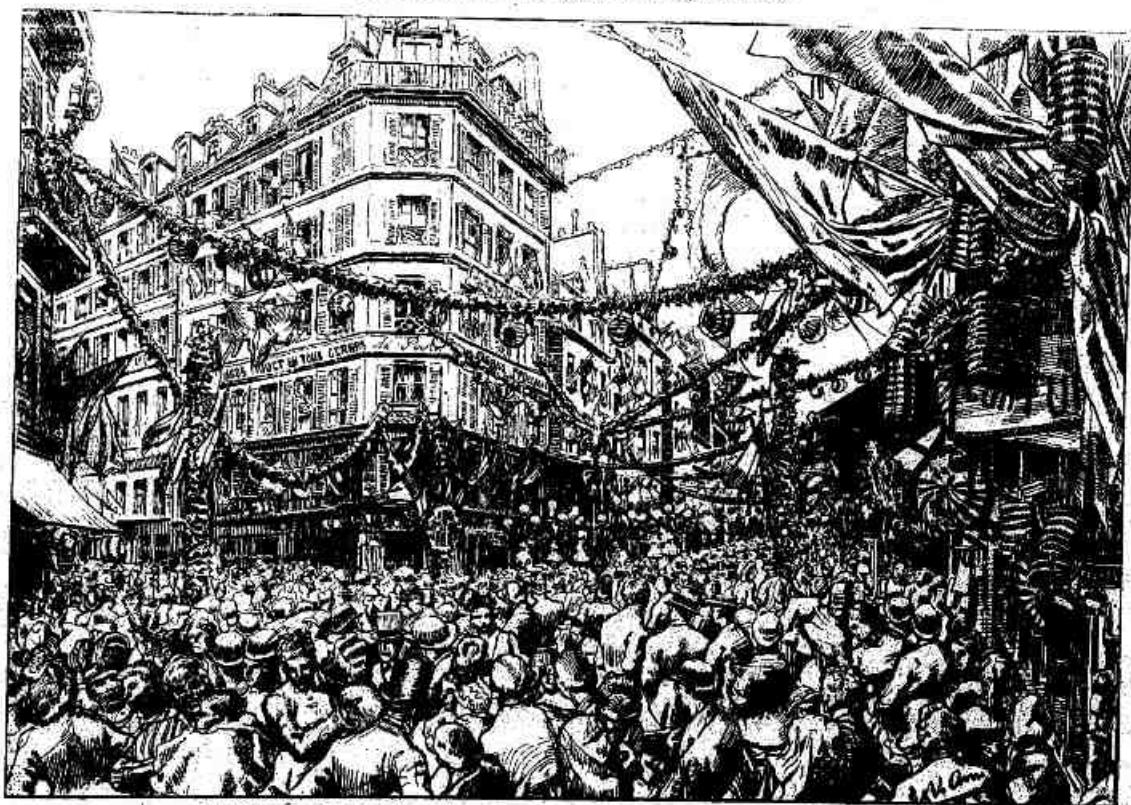
Na quarta secção ou subdivisão temos a civilisação romana no oriente e comprehende as habi-



O SALON DE PARIS — SOLIDÃO.
(Quadro de André Brouillet).



M. BERGER, DIRETOR GERAL DA EXPOSIÇÃO DE PARIS.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — ASPECTO DAS RUAS DE PARIS NO DIA DA ABERTURA DA EXPOSIÇÃO.

tações拜antine, slavas, russas, gregas, turcas, etc. Emfim a quinta e última subdivisão: trata das civilizações contemporâneas, das civilizações primitivas, mas não tendo relações com elas, porque não exercem influência alguma na marcha da civilização através as idades. Essa seção comprehende as habitações dos Chinezes, dos Japoneses, dos Esquimós, dos Incas, dos Lapiés, dos Astecas, dos Pelas-Vermelhas e dos povos da África equatorial, onde o homem ainda se conserva no estado selvagem.

Está rica com caxas e habitações de todos os feitos, formatos e cores é muito mais interessante do que a famosa rua das Naipes da Exposição de 1878.

A Exposição da habitação humana é ao mesmo tempo instrutiva e pitoresca.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL. — OS VAPORES DOS ARMAZÉNS DO LOUVRE

O serviço dos visitantes da exposição, pelo Sena, é feito por quatro companhias que valem a ser:

A companhia dos vapores-moscas;
A companhia dos vapores-andorinhas;
A companhia dos vapores-parisienses;
E agora a companhia dos vapores dos Armazéns do Louvre.

Estes barcos são elegantíssimos, todos repletos de ornamentações douradas; lembram os nossos galões reais, tão conhecidos dos nossos leitores de Lisboa.

Os vapores do serviço da exposição, pertencentes à companhia dos Armazéns do Louvre são também uma das curiosidades da exposição.

Todos os compradores do Louvre tem direito a um ou mais bilhetes d'ida e volta nos barcos a vapor, representados na nossa gravura da última página.



A MORTE DE LILI

Que fazes tu, creança, à chuva n'essa esquina,
inquieto, a olhar alguma?...
K's tão minossa, louca, anémica, franzina,
tida uns melindres, uns si, que se o rebento vem
pode transpirar, à flor, é sejinho fruto!
Mas tu, cheira Lili?... Lili, essa de latif!...
Lili, já não tens mãe?...

Lili iPollas azuis, que é das risadas francesas
que se ouviam cantar?
Lili, que o do sejim rosso das faces brunras,
teu rir quase prato d'ouro, ou symbolo no ar?
Nascu de meu coração os si que te consomem;
Louca, d'olhos azuis, abai um peiti d'homem
vit toes olhos chorar!

Portem, repore agora: — una mulher de enxurro
falia contigo e ri...
Passou um valdeviana, e ouvi bem o susurro
iPum beijo enxovalharas a japseu tex, Lili!
O' melindrosa flor, orphão d'affection termos,
si de ti, se rolaite au horror dos nove infernos.
Ai de ti! ai de ti!

Quem foi que te vendeu?... Foi tua mãe, um dia,
cancada d'aguardar
teu paiz que vinha tarde ou ebria d'uma orgia,
sem ter deixado pão, nem louno paiz o lar?
Quem foi que te vendeu, meigra pequena doce,
seraphim do bordal, branco alfereme de alcove,
ainu doitpanar?

Quem foi que te vendeu, gracil pequena loura,
loura da cor das círsas?
Quem foi que arrancou tua cantante aurora
à exerga do bordal e ao lado das regueiras?...
Quem desastrou, à chuva, o ourro d'essa trança?...
Quem traiçou contigo, ai alvo e gentil creança
de timidas manecicas?

Quem foi que te vendeu? Não tuu mão, decento.
Acaso existe alguém
que tenha um jaspe assim, um si, um lyro aberto,
e o lance para o enxurro, aos pés do deus Vintum?
Não. A ignóbil mulher que foi vender-te à praça,
ao cobre de plebeu, e au ru da populaça,
não é, nem sem mísse.

Quem te mandou à chuga, ó tremenda innocentie,
vendendo a quem passava?
Escravatura bronca horrore do Ocidente!
mais abjuria que a negra e ainda mais escrava,
paga delas assim laivar estas creanças,
onde tem a Justice entao sens balanças,
e a Lei a sua clava?

O que é que fizes tu, Ordem, é doma sér'a,
que empurras à prisão
o mugido desfome e o uivo da miséria,
que ouvam vir à villa a mendigar o pão
e deixas traficar, nos rues, às esquinas,
as creanças gênias, as jovens mesmíssimas,
que andam de mãe em mão?

Rapariguinha louca, é lyrio sem raizes,
tens rosa e fria a tex,

Poem que importa agora a Themis e nos felizes
que o teu corpão trama ao frio e à rimaço?...
Por esses tempos maus de criticas finanças
Themis leva à onzinha o ouro das balanças,
a Lei donne talvez!

Ei creia, ali que a Lei, deusa d'amiga raça,
vingadona d'fúrcias,
teve um impeto e quia vir proteger à praça
os orphelininhos nôos. Fez-se vestir... depois,
sentiu fio rijo o vento a buzinar no tecio;
que de novo meteu o seu nazi correcto
debaixo das lençóas.

Lili entrou narrou, com voz sumida... um si...
travando-me da infia,

que jamais conheciu em toda a vida o pão,
e a triste mãe dominia hu tempo, n'um caixão.
Foi posta n'mi convento a educar, desmola.
e ahí n'essa pombal, antra, caveira, escola

um padre, um padre, crôlix...
um padre, um padre, crôlix...

Um padre, é mäis, um padre a pollar a infancia,
um padre a conspurcar,
sem magas e sem rebuço, a angelica ignorância.
que não sabe o que é cão, mas que o fundiu no olhar,
um padre, canto e doce, a argamassar o crime
de chafurdar no escuro estu crema... um vi...
no chão da lupana!

Monstruosa corrupção, histórica moderna
tu que ha tanto caminhas
de nevrôsis em nevrôsis a podridão eterna,
não te basavam já as victimas que tinhas,
nem teu abjecto rei do incesto e o adulterio,
faltavam tu ainda mais os gizas de Tiberio;
— ou aí das creancinhas!

Dessa ancão, deus de rai, — é moralista assombro
dos profetas judeus,
tu que assolaste outrora e que tornaste escombro
o Mar Morto, com fogo e célebre dos céus
porque irritado agora, o Vingador não lanças
sobre estes gavios rapazes das creanças.
algum raios dos teus?...

Porte Lili, jasmaia a esperança d'um marido.
far-te-lhe rost de pejo?
Jasmais tu ouvires dos filhos o chitido;
Jasmais verás n'um berço o sol do seu desejo.
Jasmais o embalharia, cantando as velhas rimas...
Nenhum, nôso, ai de ti! darei ha pelas vindimas,
o seu primoroso beijo.

Lili não deu moito. — Exausto um dia, à tarde,
morreu n'uma caminha.
Morreu qual temeu lor que bruxolisa e arde,
como ave que ao morrer ciconda a cabecinha,
morreu como um lôr trenzudo pelo norte...
E a seu mansa voz, ao aproximar-se a morte,
Inda era moit mansinha.

Morreu qual passarinho — herva rasteira e ingloria
n'um carreiro seu luz.
Tá-ha uma tisse rouca, e lívidas marmóreas
d'um rostinho em madris d'um rígido Jesus.
Tinha uma tisse rouca, estrangulada, frouxa,
E fazia chorar vér a mageza róxa
de seus braçinhos nôos.

Morreu qual sópro, upa si, um coração que secca
No escuro, sem ninguém.
Morreu, tendo entrado ao peito uma boneca,
que fôr em seu viver, primeiro e ultimo bem,
Com ella eu a entearsi n'um caixãozinho d'ave...
E Lili, morta assim, levava um rir suave
d'uma tristinha mibe...

(º) creanças gentis, garulhos, passarinhos,
vossa inquieto estrolinaz,
vosso risos pueros mais musicos que os ninhos
dito mocidade à alma e alguma de meiguices!
O' palotes abris, vós sois, louros traquinhas,
rosas do nosso amor, os heras das ruinas,
sel da nossa velhice.

Avesins jovens sois a reminiscencia
do nosso infânciam em flor...
Vossos loures ameaç frisados da innocencia
não cedem que mais soldam anima o amor,
sois os risos do lar — e em horas de desgraça
vossos bracinhos são a cruz a que se abraça
à nossa grande dor.

Dizem que vós fizestis um tal modim que alegra,
insano, absurdo, arozo.
Porém, quando moreis, e uma cruzinha negra
võs tapa e caixãosinho, e os pais se sentem só...
quando caio mudos lar, parques, jardins, terraços,
e o or nem de vós, nez leve rumor de passos...
então, chorinhas nós.

GOMES LEAL.



BÉBÉ

B E Bé tem quasi seis annos; ho de fazel-as em Outubro. É miudinha, limphaticas, voluntariosa. Foi creada num doce. O seu pequenino corpo é de uma brancura lactea, assetonada, dentia. As pernas são tão fininhas, tão fininhas que parecem cordas de guitarra.

Bébé tem os olhos lindissimos; grandes e humilos. Fazem lembar os longínquos horizontes aquáticos, de uma monotonia melancólica e vagia.

Bébé é a alegria do lar, a graca da família, o encanto dos amigos da casa. Cobriram-na de beijos, banharam-na em mimos, vestiram-na de glórias. Quando ella, por acaso, tem um dito precece, nervoso, infantil, os olhos de sua mãe dilatam-se em uma plenitude orgulhosa e feliz. E, à noite, quando as visitas chegam, repetese em voz baixa o dito prodigioso e passam nos labios sorrisinhos benevolos, feitos de pontas de admiração. E, Bébé, que parecia entretida, folheando um álbom, ouviu tudo, percebeu tudo com a sua pequenina orelha, de uma sensibilidade aguda e curiosa.

Bébé, nos appetites, nos gestos, na physionomia, parece-se muitissimo com sua mãe e nada, absolutamente nada, com seu paiz. Uma vez, n'um jantar, uma senhora indiscreta fez esta observação à mãe da pequerrucha. Ela corou e elle fez-se pallido, extraordinariamente pallido...

Bébé tem vaidadesinhos incoercíveis, fortes, impetuosos, como certas essencias d'uma subtilza penetrante, que se vendem às gotas.

Bébé vai ao theatro. Chora com as peças adulteras; ri com as farças d'uma jovialidade gorduras e cynicas; aprende os gestos irritantes e convencionais das actrizas da moda; depois, no outro dia, no almoco, a Bébé, a innocente Bébé, canta uma copia obscena da comedie que ouviu na vespera. E a mãe abraça-a, beija-a, aplauden-a, dá-lhe doces indigestos e diminutivos cariciosos.

Bébé usa luvas claras e botinas com saltos à Luiz XV. No verão, quando passeia nos jardins, ao meio dia, depois da missa, as luvas parayam-lhe as mãos, as bontes incendiavam-lhe os pés, a gomma dos vestidos brancos afoguava-lhe a carne tenrinha e delicada, e, comodamente, não chorou, não se queixou, caminha hirta, orgulhosa, constrangida e quando elle passa dizeim as burguezas:

— Que galantinha! Vae como um anjo!
Bébé acredita em bruxas, sabe o Padre Nossa e a taboada até à casa dos 5.

Quando Bébé chegar aos 16 anos, será pálida e anêmica e os seus olhos terão o brilho macerado e triste de que os médicos não gostam. Tocari Offenbach. Ha de rir muito para mostrar os dentes, que são alvos e bonitos. Terá desmaios, alucinações, nevralgias e o estomago fraco. Amará os alferes, os poetas líricos. De resto não acreditará em bruxas, saberá o Padre Nossa e a taboada até à casa dos 3.

Aos 22 anos, se casar rica, dará esmolas aos asilos. Deixará morrer de fome os parentes próximos. Trocará seu marido, que ha de ser gordo, pelo primeiro Arthur magro que lhe apareça. No déodo mínimo do pé direito terá um grande desgosto, sob forma de calo. E, além de tudo isto, saberá o Padre Nossa e a taboada até à casa dos 2.

Eu já o disse: Bébé, tu és a alegria do lar, a graça da família, o encanto dos amigos da casa. Os teus sorrisos são vermelhos como as amoras e os teus gestos infantis, nervosos, miudinhos, temem, às vezes, a graça sanguínea dos animais inocentes. Depois, as tuas rabugens, as tuas impertinências buliçosas nunca provocaram uma repreensão, um olhar, uma palavra de enfado. Teus vividos um vida serenos, repida, unctuosa, como as príncezinhas felizes dos contos de fadas. Se tu morresses, tua mãe morreria de mago, diz ella. Teu pae, aquele homem, grave e silencioso, que traz remontes nas botas e colarinhos amarellados pelo suor, que ganha duramente o pão alvo e branco, que vós comeis, elle, que falla pouco, porque em quanto tua mãe discute o talhe de um vestido, calcula quantas horas de trabalho serão necessarias para o comprar; elle, que, quando vós rideis no teatro está pensando no vencimento de uma letra, na conta da modista, nas dividas do ménage, elle, Bébé, tão sombrio, tão triste, tão bilioso, ainda às vezes, sabe encontrar para os teus beijos, só para os teus, um rosto clarificado e satisfeito.

Pois olha, Bébé, quando, às vezes, te vejo passar na tua embonecadura, frísada, pretenciosa, cheia de rendas, cheia de puffs, limpando angelicamente, com a ponta do déodo mínimo as perquinhas feridas do teu narizinho arrebitado e guloso, sabes, meu anjo, o que peço a Deus n'esse momento, o que lhe peço do fundo de todo o meu coração? E' que mande um garrotinho que te leve ao paraíso no espaço de 24 horas.

Eu bem sei que tua mãe ha de chorar muito, ha de querer morrer, mas não morrerá, socoga, affianço-te eu. Não se morre de dor aos 26 anos, quando se tem um amante, um remorso e um estomago forte.

Depois, os sinos, Bébé, não chorarão por ti as badaladas sombrias, as monstruosas lágrimas de bronze que choram por nós, que descemos à cova, roidos pelos vícios, mortos pelos desejos, verminados pelas paixões. Quando tu passares tocarão músicas alegres, vivazes, matinées. Irás metida dentro de um caixãoinho muito bonito, tão bonito como aqueles cofres preciosos que tua mãe observa, felizmente, nas grandes vitrinas dos ourives. Por dentro, será forrado de setim branco e por fora de setim azul com galões dourados. Irás mergulhada na espuma cariçosa das rendas de Bruxelas. As tuas máosinhos,

pallidas como marfim antigo, levam-as-has cruzadas sobre o peito. Adornarão a tua formosa cabeça com uma coroa de flores. E tua mãe, louca, febril, soluçante, imprimirá o seu ultimo beijo na tua face de uma pallidez de céu transparente, com uns ligeiros toques esfumados da cor das violetas. Depois irás dormir no cemiterio dentro d'um sepulcrozinho de marmore branco, desenhado em Pariz.

D'este modo, Bébé, tu não chegarias a casar, e que seria uma fortuna para teu hypothetico marido, vilverias no céu, aci, po do anjo Gabriel, que te daria muitos rebuçados, sem te perguntar a taboada, e eu, Bébé, eu, que te pareço tão mui e tão ingrato, comporia em tua memoriu um soneto colorido, um soneto moderno, com rimas difíceis.

GUERRA JUNQUEIRO.

O JULGAMENTO DE PHRYNEA

*Muezavete — a divisa e pallida Phryne —
Comparce ante a quatuor e rigida assemblea
Da Areipata supremo. A Grecia interva admirata.
Aquella formosa original, que inspira
E do vicio ao genial eterno de Praxiteles,
Do Hyperitas á voz e á palheta de Apelles.*

*Quando os vinhos, na orgia, os convivas exaltam,
E as rongas, enfim, livres os corpos saltam,
Nenhuma hetera sabe a primorosa taça,
Transbordante de Cox, erguer com maior grapa,
Non intorar, a sorrir, com mais geulha meleca,
Mais formoso quadril, nem malu nevado zelo.*

*Retremecem no altar, au contemplat-a, os deuses,
Nua, entre acclamações, nos festivales de Eleusis.
Basta um rapido olhar provocante e lascivo:
Quem na frente o sentiu curva a fronte, captivo...
Nada iguala o poder da suas mias pequenas:
Santo meu gesto: e a sens per rojas humildade Athenas...
Vae ser julgada. Um vén, tornanto inda mais bella
Sua oculta nudez, ou encantos vela,
Mas a nudez excenta e sensual disfarça...
Cai-lhe, espáduas abertas, a cabellera exparta...
Quida-se a multidão. Esguia-se Enthusa... Falla.
E incita o tribunal severo a condenau-a:*

*— Eleuas profanorum! E' falsa e dissoluta!
Leva ao lar á orgia e as famílias enlutada!
Das deuses rimbambá! E' impia! — (O prauo ardente
Corre nas faces d'ella, em flos, lentamente...)
— Por onde os passos move a corrupta e espraiada...
E estende a discordia! Heliositas! condenau-a! —
Vacilla o tribunal, ondula a voz que o doma...
...*

*Mas, de pronto, entra a turba Hyperides avonava,
Desfalede-lhe a inocencia, exclama, exora, pede,
Suplica, ordena, exige... O Areipago não cede.
— Pais condensau-nos agorá! — E d'el, que treme, a branca
Túnica despedaçada, e o vén, que a encobre, arranca...*

*Pausam subitamente os juizes desumbreados,
—Levem pelo castro oitão de um donador curvado:*

Nas e branca, de pés, patiente á luz do dia

Tudo o corpo ideal, Phryneá apparecia.

Dante da multidão ontonha é surpresa,

No triunfo immortal da Cárne e da Belzeba.

OLAVO BILAC

AS AGONIAS

*Meio dia. Um calor eletrico. Parece
uma lamina d'ouro, irregular, a mossa.
Anda na matra, um bando arruhalor de rotas.
Tocando o sol, zumbindo em torno das corollas.
Trabalha sem descanso as douradas abelhas.
Cór d'opals, por sobre as papoilas vermelhas,
poisam languidamente as vagas borboletas.
Um ceu feito em cobalto. As agas irrequietas
erguem um branco vén... Passa p'ra o cemiterio,
de preto, silencioso, um cortejo funereo...
Una borboletita, avaso, foi cair
sobre á lagoa, e um instante as agas, a frangir
façam tremer de manso, e levemente, a imagem
aos nenuphares d'ouro erguidos sobre a margem.
Depois... Mais nada! Muita unidas as agas,
sem lucia, a borboleta afundou-se nas agas...
E, sempre longe, sempre espinguico, sorrido
o sorriso da luz, procreador, infuso,
o ceu nem sequer vê as dores infinitas;
nem reflecte sequer a imensidão das Magas!*

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.



A REVISTA DAS REVISTAS

A CULTURA DAS FLORES PARA AS PERFUMARIAIS

Do *Journal of the Society of Arts*:

“Ha cerca de um século que a cultura das flores em grande escala e a fabricação de perfumes e essencias constituem no sul da França uma industria especial e lucrativa. O fabrico tem a sua principal sede em Grasse, departamento dos Alpes Marítimos, havendo-o também mais ou menos em Sommières, Nîmes, Nyons e Sillans.

As flores principalmente cultivadas são as violetas, junquilhos e resedas ou mimonzetas que, no geral, são coibidos em fevereiro, março e abril; as rosas e as flores de laranjeira, o tomilho e o selenícrim em maio e junho; os jasmims e tuberosas ou angelicas em julho e agosto; a verbena e o nardo em setembro, e a acúcia em outubro e novembro. Comhem-se flores nas tres quartas partes do anno, mas a época de maior actividade n'estes trabalhos é a de maio a junho, quando se colhem as rosas e as flores da laranjeira. O tomilho, o alecrim e a verbena são productos de somenras importancia, que os lavradores cultivam em pequena escala para destilar em appurculos muito simples, produzindo assim qualidades de essencias mais ou menos inferiores que servem para misturar com as boas essencias fabricadas nos grandes establecimentos situados nas localidades que acima mencionamos.

“O consul inglés em Marselha, tratando da cultura das flores no sul da França, diz no seu ultimo relatório: — que as condições de prosperidade d'este ramo de industria podem ser avaliadas por um exemplo. A propriedade de Sillans, no departamento do Var, mede apenas nove hectares e está situada na costa meridional das collinas approximadamente a dois mil pés acima do nível do Mediterrâneo, a uma distância de trinta e dois kilómetros da costa. O terreno calcareo era de sua natureza pobre, e o escasso rendimento que davam as oliveiras que n'elle cresceram durante um século ou mais, até 1881.

“O terreno era tão declivoso que as águas de um manancial, que cae das rochas, não podiam ser bem aproveitadas para regas, julgando-se por isso quasi sem valor aquelle solo. Em 1881, resolveu o proprietário arrancar as oliveiras, e dispor o terreno para a cultura de flores, cavando-o até à profundidade de quato metros, e removendo as pedras que lhe serviram para construir muros que sustentasse os socalcos em que dividiu a propriedade, abrindo na parte superior d'esses socalcos uma saia com outras transversaes para condução das águas destinadas á rega.

“A designuidade do declive pôde availar-se pelo facto de medirem mais de dois mil metros de extensão os muros levantados para sustentarem os diversos socalcos n'um espaço de pouco mais de sete hectares.

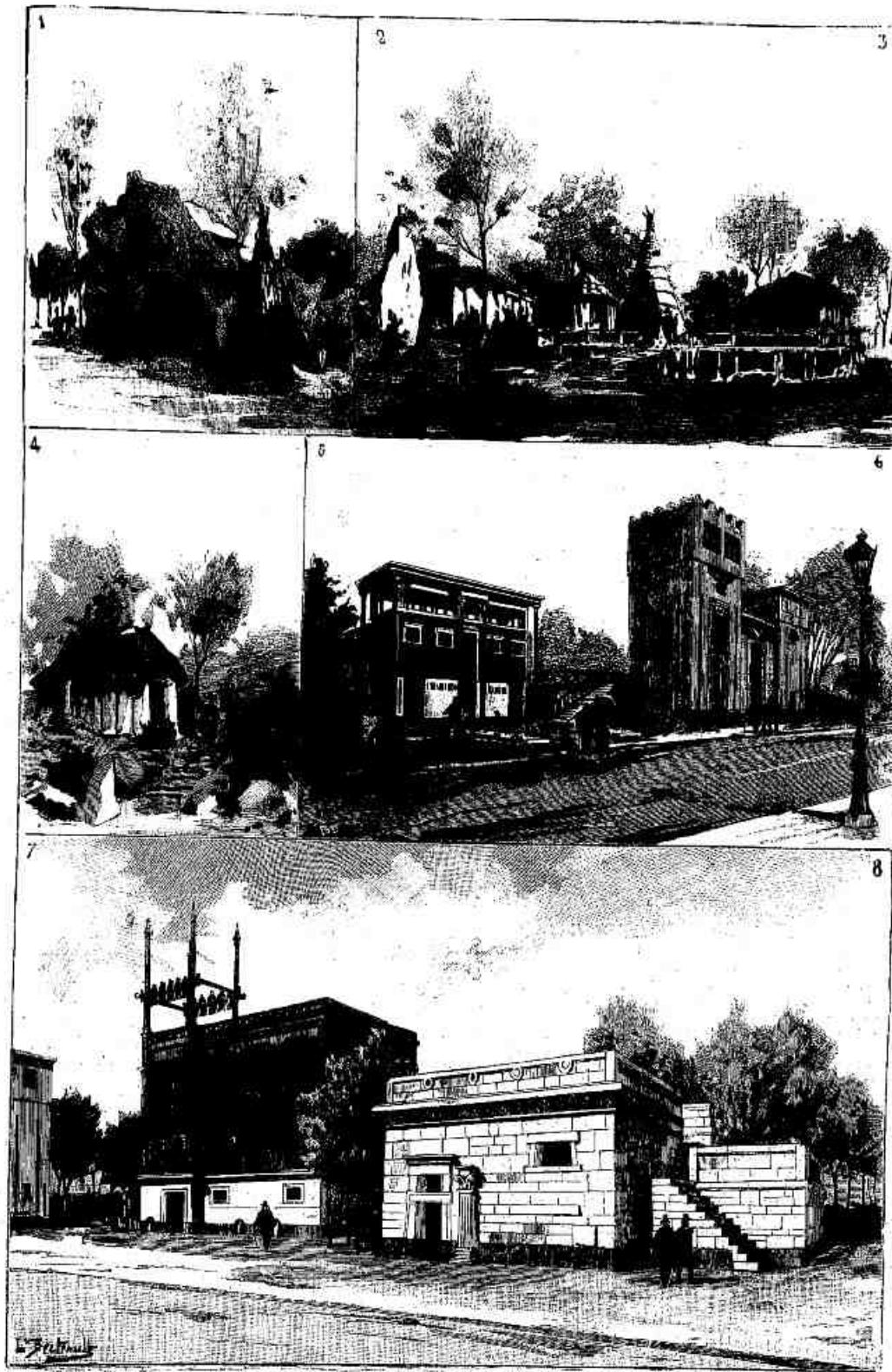
“Esses socalcos, dispostos como dissemos, dão uma superficie de sete hectares de terra bem preparada para culturas. No outono de 1881, plantou 45.000 violetas, e 140.000 jasmims brancos, e na primavera seguinte rosas, gerânios, jacintos e junquilhos, construindo tambem um laboratorio para destilação de perfumes.

“As flores cresceram vigorosas, e em 1885, no 4º anno da instalação, esse terreno, que apenas dava um rendimento calculado de nojento reis, produziu em perfumes perto de 300.000 reis, apresentando um lucro liquido superior a 6.000.000 reis, o que prova a vantagem que pôde tirar-se da cultura de flores em terrenos favoráveis e sob uma direcção inteligente.

“Das observações feitas em Sillans e em Grasse, onde as flores para perfumes constituem a principal industria, deprehende-se que aquella condição especial parece ser uma altitude de 500 a 2.000 pés. As flores que crescem n'estes solos elevados consideram-se mais ricas em perfume do que as cultivadas nos valles e terrenos baixos; um solo rico em elementos calcários, uma situação abrigada dos ventos do norte e não exposta ás geadas, que na pri-



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — OS BAILES DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA NO PALÁCIO DO ELYSÉE.



1, 2 e 3. Primitivismo: Gruta Inglaterra — Cidade Incaica — 4. Casa Incacita — 5. Casa Egyptia — 6. Casa assyria — 7. Casa phoenicia — 8. Casa dos hebreus.

mavera e outono cobrem mais ou menos os terrenos baixos, são o complemento dos requisitos para o bom êxito de empresas semelhantes. Em regiões, como o sul da França, onde a chuva escasseia, acontecendo muitas vezes não cair nenhuma nos meses de maio e setembro, a irrigação é essencial para a horticultura. Diz-se que os cultivadores e distilladores da costa do Mediterrâneo atribuem o bom resultado da sua indústria no clima peculiar da Província e ao conhecimento de todas as particularidades da profissão, adquirido por mais de um século de experiência e transmitido de geração em geração. Para os perfumes não se empregam as diversas variedades de flores que os jardineiros teme lhurado, mas unicamente as flores naturais e primitivas.

* As rosas nas encostas de Seillans são as ordinárias ou comuns, e o violeta silvestre é preferida a todas as variedades maiores, artificialmente desenvolvidas. Cultiva-se-nos o jasmim branco e não o amarelo, nem as outras variedades menos odoríferas, e as plantas são dispostas em linhas, à distância de dez pollegadas umas das outras, e muito debastadas. As roseiras plantam-se nos socalcos mais buixos e desbastam-se regularmente, adubando-se com abundância o terreno que medeia entre as plantas. Colhidas as rosas, cortam-se as roseiras algumas pollegadas acima do solo, para terem mais vigor na estação seguinte. Por ocasião da apinha das flores, há agentes que percorrem diariamente as propriedades para a compra de flores, variando os preços conforme a importância da colheita e a procura do mercado. As flores são sempre colhidas de manhã, logo que perdem o orvalho da noite anterior.

ESTATÍSTICA MILITAR.

O efectivo dos exercitos que as potências europeias mantêm em tempo de paz eleva-se, no todo, a 31631474 homens, dos quais pertencem 876638 à Russia, 312472 à França, 491840 à Alemanha, 290106 à Austria Hungria, 2401915 à Italia, 221358 à Inglaterra, 182000 à Turquia, 65755 à Holanda, 45405 à Bélgica, 421069 à Dinamarca, 35413 à Rumania, 33100 à Suécia e Noruega, 32146 à Bulgária, 26135 à Grécia, 24631 à Portugal e 18213 à Servia.

Neste, algarismos não está comprehendido o efectivo da marinha que sobe a mais de 1910000 homens, dos quais 611400 à Inglaterra, 29379 à Russia, 241784 à França, 16103 à Alemanha e 14371 à Italia, dividindo-se o restante pelas outras potências europeias.

O efectivo previsto em pô de guerra atinge enormes proporções. Só nas cinco grandes potências europeias sobe a 21 milhões, dos quais mais de cinco milhões são exercito de primeira linha. Esses contingentes são assim divididos: Alemanha, 7200000 homens; França, 4108653; Italia, 2120000; Russia europeia, 1600000; e Austria Hungria 1710000 homens.

A Russia tem no exercito de primeira linha, 1263000 homens; a Alemanha, 1100000; a França, 900000; a Austria Hungria, 940000 e a Italia, 610000. A Russia possui 3.622 canhões; a Alemanha, 2332; a França, 2104; a Austria Hungria, 1166 e a Italia, 1632. Total 12146 peças de artilharia.

A tripla aliança equilibra as forças que possam reunir a Russia e a França, havendo entre ambos os contingentes uma diferença pouco apreciável dada a sua importância, pois no passo que a Russia e a França contam com 3.399.000 homens de exercito de primeira linha, a tripla aliança da Alemanha, Áustria e Italia reúne 3.550.000 homens; e a 6318 peças de artilharia russas e francesas correspondem 6.158 da tripla aliança, resultando uma diferença a favor da Russia e da França de 49000 homens e 190 peças de artilharia que é insignificante dada a importância dos contingentes.

Em marinha figura em primeiro lugar a Inglaterra que tem 421 navios de guerra, sendo 68 couraçados, 4 cruzadores, 17 porta torpedos e 142 torpedeiros. A esquadra russa compõe-se de 386 navios, sendo 19 couraçados, 13 monitores, 7 cruzadores e 148 torpedeiros. A Italia tem 175 navios, sendo 18 couraçados, 6 cruzadores, 5 porta torpedos e 76 torpedeiros. A Austria tem 110 navios, sendo 11 couraçados, 1 cruzador, 8 porta torpedos e 45 torpedeiros. A esquadra alemã consta de 79 navios, sendo 13 couraçados, e 94 torpedeiros.

De qualquer forma que se apresente o problema naval na proxima guerra, é a Inglaterra a potência

melhor preparada, pois conta mais couraçados e mais torpedeiros. Eliminada a Inglaterra, as forças marinhas da França e Russia, comparadas com as da tripla aliança, ficam equilibradas, quer com relação a couraçados, quer a torpedeiros. Com tudo, convém ter presente que a Italia possue os sete maiores couraçados que existem até hoje.

Estes preparativos militares custam cada anno às seis grandes potências 41055140000 francos, correspondendo 3189 milhões no exercito e 866 à marinha.

A Russia figura n'estas despesas com 991 milhões de francos por anno; a França com 542 milhões; a Inglaterra com 766 milhões; a Alemanha com 537 milhões; a Italia com 415, e a Austria Hungria com 407 milhões. ora como estas seis potências representam quatro quintas partes da Europa, militarmente falando, pode deduzir-se que o armamento reunido da Europa custa annualmente 51000 milhões de francos (100000 contos de reis.)

TSARINE PÓ DE ARROZ RUSSO
Aromatizado, fluido, frambuesa.
PURIFICADO POR VIEILLE
28, Boulevard des Italiens, PARIS.

TRATAMENTO DAS QUIMADURAS.

Não é possível, tão rápidos são os terríveis effeitos do fogo socorrer a tempo uma pessoa que se queima; à exceção, talvez d'esses horrores excessos, em que tendo pegado fogo no fato de repente, nos encontramos justamente n'esse local e abafarmos as chamas. Quasi sempre, então, se tira bastante resultado, lungando imediatamente sobre a pessoa que arde, um coberto, um tapete, um paleto que se despe à pressa, para arrancá-la à morte, de que está ameaçada; mas devemos-nos, em todos os casos, apressar a correr para elle, impedindo-lhe a fuga, deitá-lo mesmo e rolar-lhe pelo chão, se não temos outros meios.

Topicos. — Os mais diversos topicos tem sido aconselhados contra as queimaduras e a maior parte, agua fria, azeitona de oliveira, polpa de batatas, docas, etc., podem conforme os casos, ser vantajosamente utilizados; mas nunca se deve perder de vista que o contacto do ar augmenta consideravelmente os sofrimentos das queimaduras e do qual, primeiro que tudo, convém livrá-las. Com este fim, evitar-se-ha pois com cuidado dilacerar as phlebiticas, que se devem simplesmente picar o collocar-se-ha sobre as regiões queimadas, de preferencia a qualquer outro topico, um linimento oleo-calcareo assim composto: óleo de amêndoas doces, 10 grammas; agua de cal: 100 grammas, misturados e batidos fortemente.

Na fala d'esta mistura pôde-se recobrir as queimaduras d'uma espessa camada de algodão cardado, mantido por uma ligadura de panno, ou meter-se-ha o doente durante muitas horas n'um grande banho morno que se reaquecer de tempos a tempos. Se se trata d'uma lesão profunda, empregar-se-ha para o pensão das feridas na occasião da eliminuição das escharas, pranchetas de bós de linho unidos com glycerina thymica ou phenicada a 100%.

O MÉTODO PASTEUR NO TRATAMENTO DA RAIVA.

Na ultima sessão do comité de hygiene de Paris, o dr. Dujardin Beaumetz leu um relatorio geral acerca de 19 casos de raiva ocorridos em 1885, no departamento do Sena. O dr. Dujardin notou que em 1887 de 365 pessoas d'aquele departamento que foram submetidas ao tratamento de Pasteur, só 3 succumbiram no passo que de 44 pessoas que não foram tratadas, morreram 7. Quer dizer: no primeiro caso houve em proporção a mortalidade de 0,97 % e no segundo de 15 %.

Em 1888 seguiram o tratamento anti-rabico 385 habitantes do Sena; destes morreram 4, o que dá uma mortalidade de 1,04 %. Por outro lado, de 105 pessoas mordidas por cães damnados que não seguiram o tratamento de Pasteur, morreram 14, ou seja 13,3 %. Se as cifras d'estes dois últimos annos se reproduzissem nos annos seguintes, poder-se-ia estabelecer d'uma maneira precisa a proporção de 14 a 16 % de mortalidade nos casos de raiva.

Isto quanto as pessoas não tratadas, porque com relação aos falecimentos notados depois do tratamento pelo método de Pasteur a media é de 1 %. Por aqui se vê a conveniencia e os benefícios que resultam do tratamento pasteuriano.

LAVAGEM DO ESTÔMAGO

Como todos sabem, um dos primeiros symptomas da febre amarela manifesta-se em perturbações gastricas ou intestinais.

Por esta razão é que se procura desde muito, na practica usual, desembarrar o tubo digestivo com vomitórios e purgativos. Este metodo, que tem por si a vantagem de longa experientia, está de acordo com as praticas actuais da scienzia moderna.

Ninguem ignora, com efeito, que na maioria dos casos de molestias febris, das esterções calmosas, como o embargo gastrico febril, o cholera, a febre tifoide, typhus-amaril ou febre amarela, etc., o estomago e os intestinos são sempre a sede d'onde provém a infecção.

Nos países quentes, sobretudo, em que a temperatura elevada acarreta forçosamente o uso desmedido das bebidas e em que as digestões tornam-se mais difíceis produz-se a dilatação exagerada do estomago.

Esta mesma dilatação, impedindo o esvaziamento completo do estomago, dà logo a formação de alimentos líquidos e sólidos mal fermentados e que permanecem na grande curvatura, d'ahi, o foco que ameaça constantemente infeccionar todo o organismo.

Os excellentes resultados obtidos com a lavagem do estomago, ora nas febres gastricas simples e nas dyspepsias, sugeriram o emprego d'este meio nos casos de febre amarela.

Hoje que reuno um numero bastante considerável de doentes tratados por este metodo, e constatando sempre magnificos resultados, não receio proposito como o verdadeiro tratamento curativo e delle dar conhecimento aos meus collegas, diz um medico americano.

Nos diversos periodos de todos estes casos em que empreguei a lavagem foi elle sempre perfeitamente suportada e sem o minimo inconveniente meio nos casos de febre amarela.

Hoje que reuno um numero bastante considerável de doentes tratados por este metodo, e constatando sempre magnificos resultados, não receio proposito como o verdadeiro tratamento curativo e delle dar conhecimento aos meus collegas, diz um medico americano.

De efeito prompto e decisivo, observa-se a priori que a temperaturacede imediatamente após o evacuamento completo do estomago e sem que seja necessaria a intervenção de febrifugos.

Devo accrescentar que, para fazer o evacuamento do estomago pelo tubo, emprego sempre como desinfetante, uma solução de ácido bórico.

Finalmente, os bons resultados estão perfeitamente de acordo com as theorias modernas da therapeutica microbiana.

Compreende-se, portanto, que a lavagem com o tubo desembarrar o estomago completamente ao envez do esforço produzido pelo vomitivo, insuficiente para este fim, maxime tratando-se de esfologmas na maioria dilatados, como são os dos paizes quentes.

A lavagem muito completa e antiscopica como a que se pôde fazer por este metodo, destroem completamente todos os fermentos do seu caracter e tão decisivo resultado não tem competitor na unigia therapeutica.

São estas as considerações que me parecem dignas de ser submetidas aos meus collegas, considerando-as a fazerem a lavagem do estomago nas molestias que têm por origem a infecção deste organismo, observando todavia os casos de possibilidade.

Convém por ultimo notar que neste metodo encontra-se tres condições essenciais:

- 1º execução relativamente facil;
- 2º perfeitamente inofensivo para o doente;
- 3º co responder às indicações da scienzia a mais moderna, isto é, a antisepse empregada contra a auto infecção.

OS CAMINHOS DE FERRO

São de um trabalho interessante os seguintes dados estatísticos:

Em 1884 construiu-se o primeiro caminho de ferro entre Liverpool e Manchester.

Em 1885 havia já em todo o mundo 4577740 kilómetros de vias férreas, dos quais 191557 na Europa, 250063 na America, 22178 na Asia, 6895 na Africa e 121947 na Australia.

Descrevendo por paizes, vemos que os que Europa occupam o primeiro lugar, são:

Alemanha, 37535 quilometros; França, 32491; Inglaterra, 22612; Hispania, 31485.

Mas a esse tempo, só os Estados Unidos tinham de p'ri mais 120000 quilometros de linhas férreas do que todas as nações europeias reunidas, isto é, 307508 quilometros.

Na América do norte, no México e nas colônias europeias, havia nesse tempo 17.000 quilômetros; no Brasil 7.000 e na República Argentina 5.000.

Na Ásia, o primeiro lugar cabe às Índias Inglesas, com 16.300 quilômetros de vias férreas.

No África, à Colônia do Cabo, pertencem 2.700 quilômetros; à África e Tunísia 1.000; ao Egito 1.300.

Não se mencionam ainda n'este estatístico, mas em breve poderemos ver cair em uma outra, os caminhos de ferro de Ambacá e do Lourenço Marques.

Estabelece-se a proporção entre a extensão das vias férreas e a população dos países, tam o primeiro lugar a Austrália, onde há 100 quilômetros por 100.000 habitantes!

Na Europa, e segundo esse ponto de vista, a ordem da classificação é: França, quilômetros 8.700 por 100.000; Inglaterra, 8.100; Prússia, 8.

Nos últimos anos o país que mais tem desenvolvido os seus caminhos de ferro é a República Norte Americana, onde se nota um aumento de 4.500 quilômetros de vias férreas.

Na Europa, sob esse ponto de vista, cabe o primeiro lugar à França, o terceiro à Alemanha e o último de todos à Noruega.

EMIGRAÇÕES DE ANIMAIS NA ÁFRICA AUSTRAL.

Na região situada ao norte do Cabo, de quatro em quatro anos, pouco mais ou menos, os calores prolongados obrigam uma espécie de antílope, conhecida pelo nome de *springbok*, a emigrar para outras regiões, onde abundam a água e a vegetação.

O capitão Gordon Cumming diz que estas emigrações em bandos numerosíssimos podem comparar-se a uma enorme invasão de galinhas.

Elias devastam em algumas horas todos os vegetais que encontram na sua passagem, e destroem completamente numa noite todas as plantações de um cultivador.

«A 28 de dezembro último, conta o alaudido ca-

pitão, tive o gosto de ver pela primeira vez uma destas emigrações. Nunca em minha vida a caga me apresentou sob um aspecto mais grandioso nem mais formidável. Duas horas antes do amanhecer, fui acordado em sobressalto. Ouvia distinctamente a 200 passos de distância o grito dos antílopes. Julguei que era algum rebanho passando perto do meu acampamento, e não prestei grande atenção a essa passagem. Mas logo que amaneceu vi toda a planície literalmente coberta de antílopes. Caminhavam vigorosamente. Desembocaram a oeste, entre duas colinas, como um rio, e desapareciam aproximadamente uma milha ao nordeste, por detrás de uma elevação. Permaneceram duas horas extasiado diante magnífico espetáculo; tirei até alguma dificuldade em me convençar da sua realidade. Parecia-me tudo aquilo o produto da minha imaginação exaltada do caçador. Durante este tempo as massas de antílopes desfilavam sem entusiasmo.

Por mais exagerado que pareça esta narrativa, podemos assegurar que Livingstone e outros viajantes viram rebanhos de *springbok*, que cobriam planícies de 50 quilômetros de extensão. Acolhimento destas legiões é notável. Woolf conta que um rebanho de carneiros, encontrado um dia por ele, foi arrebatado pelo trovante e obrigado a seguir-a sem se poder livrar.

LIMOS DE PAPEL.

Aqui hoje parece impossível, apesar das muitas tentativas, substituir a madeira com a pulpa do papel no fabrico dos lápis; o papel apresentava-se sempre muito duro e resistia a ação do canivete ou faca.

Com a ajuda de um novo processo, a coirina molecular do papel é por tal forma modificada que pode cortar-se com a mesma facilidade que a madeira de cedro. O papel é preparado e disposto em tubos ou interior dos quais se deixa um pequeno

canal onde se introduz a graxa ou substância colorante. Depois recâmase os lápis à uma temperatura cada vez mais elevada e durante seis dias, e mergulham-se então em parafina fundida, que modifica a consistência da pulpa do papel por forma que o aparato se torna tão fácil como se se fizesse em madeira muito macia.

NOVO APPLIQUE COMMUNTO NO FABRÍCIO DO AÇO.

Para fabricar o aço com o ferro fundido ordinário, Mr. Derry opera a carbonização do ferro enquanto este se conserva no estado líquido, fazendo-o flutuar através de uma camada mais ou menos densa de carvão de coke, da auderacite, ou de outros materiais carbureados.

Um furo de 1.125 de altura e 0,45 de diâmetro, quase completamente cheio de carvão vegetal, dá bom resultado para uma carga de metal de 5 a 10 toneladas.

DESCOBERTA DE PETRÓLEO NA ASIA CENTRAL.

Al. de Guspenoda engenheiro russo enviado em missão científica á Ásia Central, diz no relatório que acaba de apresentar ao governo russo, que os poços de Penjikent, no vale de Ferghana não contêm menos de 4 milhões de toneladas de petróleo do mais puro.

DINHOSIDE DA CORTICA.

Mr. Brewster, é o inventor de um processo para reduzir 30 por cento, a densidade da cortica, dando-nos com este invento um produto com a metade do peso da cortica vulgar, muito útil especialmente para os aparelhos náuticos e de salvamento.

SABÃO REAL VELVOUTINE
DE THIBADOU. Salão Internat. de Bruxelas. 1905.
Decorridos por autorizadas matérias pera a Higiene da Pele & das Cabelas.

RESUMO

DAS OPERAÇÕES E PROGESSOS DA NEW-YORK.

EM ISSN

Receita em prêmios e captações voluntárias. R\$ 100.000.000,00

Pago por sinistros e seguros intangíveis. R\$ 10.000.000,00

Pago em rendas vitais, benefícios e mortais. R\$ 10.000.000,00

Total das receitas. R\$ 120.000.000,00

Total pago aos segurados. R\$ 30.000.000,00

Apólices cintiladas: 33.334, excesso segurando. R\$ 10.000.000,00

Situação nº 1º de janeiro de 1889

Fundo em capitalizados. R\$ 100.000.000,00

Excedente divisível, a mais das benfeitorias reservadas por apólices cumulacionais. R\$ 10.000.000,00

Benefícios reservados para apólices de acumulação. R\$ 10.000.000,00

Apólices em vigor: 120.000, excesso segurando. R\$ 10.000.000,00

Progressos realizados em 1888

Augmanto da receita em prêmios. R\$ 10.000.000,00

do total pago aos segurados. R\$ 10.000.000,00

do excedente dividido. R\$ 10.000.000,00

da receita em prêmios. R\$ 10.000.000,00

do total das receitas. R\$ 10.000.000,00

dos fundos reservados. R\$ 10.000.000,00

das novas subscrisções. R\$ 10.000.000,00

dos seguros em vigor. R\$ 10.000.000,00

LA NEW-YORK

Companhia de seguros sobre a vida

FUNDADA EM 1845

Fundo de garantia reunido: \$ 34 milhares de francos

DIREÇÃO NA EUROPA: 18, BOULEVARD DES FILS ALIENS, PARIS

AMSTERDAM, 404, Keizersgracht.

BERLIM, 124, Leipzigerstrasse.

BRUXELLES, 13, rue du Congrès.

BUDAPEST, 20, Koronaherczegutca.

LISBOA, 64, cais do Sodré.

LONDRES, 76 e 77, Cheapside.

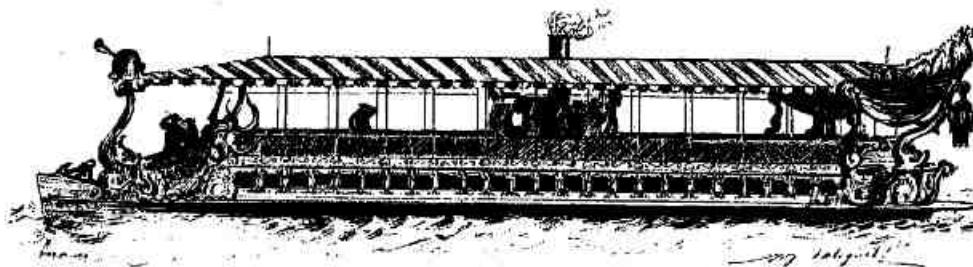
MADRIL, 13, Passe del Sol.

ST-PETERSBURGO, 22, Perspectiva Nevsky

VEVEY, 94, Grande Place.

VIENNA, 8, Graben.





EXPOSIÇÃO UNIVERSAL. — Os vapores dos animais do Louvre

GUERLAIN de PARIS

15. rue de la Paix — ARTICLES RECOMMENDÉS

Agua de Colonia Imperial. — *Sapucci*, sabonete do londador. — Creme jacchino (*Imperial Cream*) — *Cream Imperial*. — *Mosquitos*, para anular a pulga. — *Pólvora* (*Gymnophora*) para empinar a cutia. — *Bifóndre* aritmônico, para o cabelo e a pele. — *Aqua de Colonia Imperial*, para banho e limpar o corpo. — *Maria Christina*. — *Powder Hair*, húmectante de *Cabelo*. — *Healing Balsom*. — *Healing Balsom* *Empress of Paris*. — *Imperial Russa*. — *Imperial do Brasil*, para o corpo. — *Aqua de Colonia Imperial Russa*. — *Aqua da Cefira* e *aqua de Chávera* para o banho. — *Alcoolito de Eucaliptaria*, para a boca.

T. JONES
23, Boul^{de} des Capucines, 23
PARIS
Fabricante
de Perfumeria Inglesa
EXTRA-FINA

T. JONES
Especialidades
DE
Fluide Latif
Producio suave que para amasar
e preservar a pelle qualquer irritação.
La Juvenile
Pa sem qualquera mistura química para os
cuidados de nostre adherente e invisivel.
Lily Wash
Para embulhar e toothbrushes e Pescos e os Homens
Latif Cream
Conserva-se perfeitamente soja todos os dias.
Superior a todos os Cold-Cream conhecidos.
Agua de Toilette Jones
Tonica e Refrigerante.
Elixir e Pasta Samohti
Dentifrice, antiseptico, Branqueador dentes, Impôdo a enzé e o cariano.

T. JONES
23, Boul^{de} des Capucines, 23
PARIS
Fabricante
de Perfumeria Inglesa
EXTRA-FINA

Extractos compostos

IMPERIAL RUSSE
ESS. BOUQUET
VICTORIA
CAPRICE
CHYPRE
NUDE
PANAMA
**W. Belistrage
etc.**

Extractos compostos

NOTHING NEW
NEW KNOWN WAY
STEPHANOIS
DOPONAX
VIOLETO
AIDA
W. ROSE
JUBILEE
etc.

**DIGESTÕES
DOENÇAS do ESTOMAGO** GASTRALGIA
DIFFÍCILS ANEMIA
Dyspepsia Vomitas
Pérdida Diarréa
de Appetito crônica

ELIXIR GREZ

TONICO - DIGESTIVO com QUINA, COCA e PEPSINA
ADOTADO EM TODOS OS HOSPITAIS - Medalhas de Ouro e Diplomas de Honra
PARIS — GREZ, 24, rue Le Bruyère, e em todas as Pharmacias

Elixir Grez e M.H. Cognac e Cia. — M.

EXPOSITION UNIV^e 1878
 Médaille d'Or  Croix de Chevalier
 LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES

AGUA DIVINA

E. COUDRAY

DITA AGUA DE SAUDE

Préparado para se tomar com e sem conservante
complementando as cores da beleza,
e preservando da pasta o óleo clorofóra non bene.

ARTIGOS RECOMENDADOS:

PERFUMARIA de LACTEINA

Lancetas das Alimentações à Moda.
SOTAS CONCENTRADAS para o Louro.
OLEOCOME para a beleza das costelas.

ESTES ARTIGOS FAZEM-SE NA FÁBRICA
PARIS 13, rue d'Engbien, 13 PARIS

Depois em todos os Perfumaria, Pharmacie
e Cosméticos da América.

*Em todos os Perfumistas e Cabeleireiros
da França e de Espanha.*

*Em todos os Perfumistas e Cabeleireiros
de França e do Exterior*

A VELOUTINE Pé d'Arros especial
PREPARADO COM INSUMIDOS
Por CH. FAY, Perfumista
8, rue de la Paix, PARIS

AGUA DIVINA E COUDRAY

DITTA AGUA DE SAUDE
Preconizada para os jogadores, temos conservando
completamente as chaves da mineração,
e conservada da ração e do cloruro metálico.

ARTIGOS RECOMENDADOS
PERFUMARIA da LACTEINA
Locion-máscara das Delícias da Beleza.
SOTAS CONCENTRADAS para o lenço,
cerimônias e uso doméstico.

ESTE ARTIGOS JE SUA-SE MA FABRICA
PARIS 13, rue d'Enghien, 13 PARIS
Deposito em todos os Parfumerias, Farmacias
e Tabacarias da America.

LA CHARMERESSE

Pô de refrescamento, o que mais atira dos pôs de bolacha. A composição abertamente seca no ponto de vista da higiene, e amálgama, enceradilho e a sua perfura aderência, fazem recomendar o seu uso para as peles secas. Refresca a pele, fortificando-a, dá-lhe um brilho brilhante, polida, agrada-lhe a diversidade da casula e sua desaparecer evita por tempo longo bolhas superficiais.

Immunogenic Glycans B. Merillet

RAMÍREZ — IMPRINTS OF SPANISHNESS 23